

## **COLARAM AS LETRAS NAS PAREDES: ESCRITA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS RIBEIRINHOS**

**Maria Aldecy Rodrigues de Lima (UFRN/UFAC)**  
**Érika dos Reis Gusmão Andrade (UFRN)**

Em nossa prática educacional temos construído algumas preocupações em relação à forma como o sujeito constrói o conhecimento e mais especificamente como se apropria das habilidades de leitura/escrita. Nossas inquietações primeiramente repousavam na observação de que os professores priorizam, nas séries iniciais, o ensino da escrita sobre o exercício da leitura. Exemplo disso é o uso da cópia como uma das formas pelas quais os alunos são levados a aprender a escrever.

Essa prática, segundo Vygotsky caracteriza-se como técnica artificial que obscurece a escrita, tornando esta modalidade de linguagem irrelevante para quem aprende. A ênfase que se dá ao desenho das letras e a mecânica do ler o que está escrito compromete o significado que a escrita possa vir a ter para o sujeito. Vygotsky diz ainda que a escrita é uma atividade cultural e não uma habilidade motora. Como atividade cultural, é preciso que o sujeito atribua um significado àquilo que lê e escreve. A escrita deve ser relevante à sua vida.

Esse procedimento dos professores faz com que a leitura não seja tomada como prioridade no processo de alfabetização. Para esse fenômeno, Cagliari (1996) oferece a seguinte explicação: “a escola sabe avaliar mais facilmente os casos de acertos e erros de escrita e não sabe muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando lê em silêncio. O privilégio da escrita sobre a leitura na escola se deve a essa maior facilidade de avaliação escolar”.

Essas preocupações, há algum tempo se somam a uma inquietação surgida da observação das condições sócio-culturais sobre as quais se processa o trabalho de alfabetização dos ribeirinhos do Estado do Acre. Os ribeirinhos, segundo compreendemos, invertem essa lógica das escolas. Suas casas são adornadas com material gráfico que lhes enfeitam as paredes. Esse material funciona como um imenso painel de letras, palavras, imagens, retratos e números, que invadem-lhes cada momento do dia, num constante convite à leitura ou a produção de sentido para as imagens expostas. Em vez das obrigações de reprodução de palavras, do exercício da cópia tão comum nas escolas, as crianças, jovens e adultos ribeirinhos são provocados para o exercício da leitura. Embora sejam bastante conhecidas as dificuldades de isolamento e a difícil realidade do ensino no âmbito rural, principalmente nos seringais da Amazônia, algumas estratégias de escape acabam contribuindo para a criação de condições de possibilidades para o aprendizado da leitura e da escrita. Minhas viagens durante os meses de julho a setembro de 2004, pelos rios Môa e Azul, afluentes do Rio Juruá, o mais importante rio do Estado do Acre, acrescentaram uma nova situação-problema à que descrevi acima. Esses rios constituem a principal rede ribeirinha do extremo oeste amazônico, e, às suas margens, reside grande parte da população rural dos municípios do Vale do Juruá. A rede escolar é precária, com grande parte das escolas em péssimo estado de conservação. O material didático é ínfimo. Na maioria dos casos, nem sequer se dispõe do livro didático. O corpo docente é formado por jovens professores que trabalham com contratos provisórios e, recentemente, em face das exigências legais, alguns jovens professores contratados estão assumindo os postos docentes, se deslocando da cidade para os seringais, o que, evidentemente, impõe sérios conflitos de adaptação, o que em muito dificulta as condições de trabalho.



Foto 1: Interior da casa de ribeirinho – Rio Mõa, setembro/2004.

Sabemos que a Amazônia de hoje é um lugar bem diverso do que era no início do século XX, não só porque a floresta, os rios e o solo foram profundamente modificados, mas principalmente porque a cultura mudou de modo considerável, a partir da transformação de hábitos e costumes, sobretudo no decorrer das últimas cinco décadas. Essas mudanças, Segundo AFONSO (2005), se deram em função da crise do mercado da borracha no início do século XX que também se refletiu na vida social.

Este processo evidenciou que a relação homem-natureza, que passou a predominar na Amazônia, teve e continua tendo como principal característica a tendência à degradação de ambos. Por outro lado, o contato com a cultura urbana se processa de forma enviesada. Ainda que se pretenda uma leitura menos pessimista que a dos frankfurtianos, Adorno (1985) entre eles, a idéia de uma indústria cultural que a todos alcança com o propósito de promover uma dominação sistemática dos grupos é sempre válida para se tentar compreender a hegemonia de hábitos, costumes, atitudes e procedimentos dos sujeitos, mesmo daqueles de quem, pelo distanciamento geográfico, se espera modos de vida menos sintonizados com a produção da indústria cultural.

Nos altos rios amazônicos, a comunicação com o mundo urbano é mediatizada pelo rádio. Este é o principal veículo de comunicação de massa, sendo, por intermédio da programação radiofônica que chegam as notícias e as comunicações entre os habitantes da cidade e dos seringais. Os programas das “mensagens” são esperados. A “boca da noite” as famílias se reúnem à sala para ouvirem as notícias e se noticiarem dos acontecimentos da cidade. Por meio do rádio, chegam também os produtos da *indústria cultural*. Embora sejam perceptíveis os traços da cultura local, são também bastante sensíveis os efeitos da mídia sobre a mentalidade dos ribeirinhos. As festas locais, por exemplo, já não se organizam em torno das tradições folclóricas locais, mas se constituem como rituais de reprodução de músicas, hábitos e costumes impressos por intermédio da indústria cultural.



Foto 2: Casa de ribeirinho. Rio Môa, setembro/2004.

Contudo, uma certa visão “idílica” povoa o imaginário do visitante urbano. Assim sendo, em minhas viagens até as “cabeceiras” do Rio Môa e Rio Azul, fui sendo tomada por uma surpresa atrás de outra, da paisagem preliminar da chegada, àquela que se avista no interior das casas dos ribeirinhos.

### **1. A chegada aos seringais: aproximações sutis de um mundo de sentido**

Chega-se aos seringais é sempre pelo rio e deles é possível se contemplar uma paisagem cujo limite é o reencontro das paralelas no horizonte em que o céu e as águas parecem se abraçar, quer se olhe em direção ao Ocidente ou ao Oriente. A paisagem de um seringal avista-se ao longe, aparecendo aos poucos, preguiçosamente aos olhos de quem se aproxima de barco sem pressa de chegar. Quase sempre, o primeiro sinal é o barracão, tão distante que até parece nunca será alcançado. Ao redor do terreiro, casebres dos ribeirinhos, que se espraiam para além do arraial, povoando as barrancas dos rios. A paisagem é o resultado das relações sociais de produção mas, principalmente, contém vida, sentimentos e emoções que se traduzem no cotidiano das pessoas. Tais relações são portadoras da profundidade e da leveza com que esse povo se constitui, valendo à pena, por isso mesmo, serem compreendidas.

A principal surpresa da subida nas casas: as paredes dos casebres são cobertas de material gráfico (jornais, revistas, páginas de livros, imagens de santos, folhas de catálogos de moda, etc). Uma casa, outra casa, a maioria das que visitei nas barrancas dos rios têm forradas as paredes de seus vários cômodos. À primeira impressão, o hábito de colar imagens, retratos, letras e números cumpre um papel de reforçar a fragilidade das paredes, geralmente de madeira bruta ou *paxiúba*<sup>1</sup>, tapando as frestas para evitar o vento e a friagem durante a noite, ou então para evitar algum olhar inoportuno. No entanto, observei que as folhas não são coladas em toda a extensão vertical da parede, o que corresponderia à cobertura das frestas entre as tábuas. A disposição das folhas coladas não comprova a hipótese do vento, e tampouco a dos olhares inoportunos. As folhas nunca estão sobrepostas ou de ponta cabeça; parecem realmente estar ali para serem observadas. Outro detalhe que se destacava é que não estavam coladas somente gravuras. Ao contrário, existem paredes inteiras com páginas e páginas de cartilhas de

alfabetização, com linhas e linhas em branco, com palavras a serem completadas, além de folhas e folhas de livros didáticos de matemática, com contas por fazer. Tudo isso indica que, se a intenção decorativa está presente, ela não é tudo, ou mesmo que os valores locais de decoração envolvem a própria palavra escrita, uma certa ordenação precisa ser levada em conta.



Foto 3: Sala enfeitada com imagens e páginas de livros, perfeitamente dispostos, lado a lado, de modo a manter uma certa ordenação da mensagem a ser decodificada. Setembro/2004.

Uma associação imediata que fiz foi a de lembrar das salas de nossas casas, moradores urbanos, nas quais muitas vezes penduramos flechas, arcos, colares e cestos. Uma primeira impressão irresistível é de que os seringueiros penduram cartilhas, pedaços de revistas, folhas de livros de matemática onde aparecem contas por fazer, palavras e números, como nós penduramos cocares e outros artefatos exóticos e decorativos em nossas salas. Talvez as palavras, o livro, as figuras impressas, a linguagem gráfica, sejam exóticos e admirados (assim como os produtos industrializados, tais como relógios, motores e rádios, sempre admirados por lá).

Os modos de vida dos povos da floresta (índios, seringueiros ou agricultores/ribeirinhos) são bastante ricos de representações. Afastando-se dos centros comerciais, das estradas asfaltadas, do barulho das ruas, do cheiro dos carros, os seringueiros, em suas diferentes manifestações, são compostos por homens e mulheres que desenvolvem todo um corpo de crenças e valores que lhes garante viver em sintonia uns com os outros e com o mundo. Por trás da aparente simplicidade do cotidiano de pouca tecnologia, esconde-se uma teia de significações, uma forte e presente sabedoria sobre as relações humanas e familiares e um conhecimento profundo dos mistérios da floresta. O melhor de tudo, é que os homens da floresta não têm “papa da língua”. A fala é franca, alta, aberta. A disposição de perguntar, de dizer, de se posicionar, contrasta com os medos de quem chega. Chegando, levamos nossos receios: de cobra grande, dos rios, dos “bichos da mata”, da culinária, da dormida diferente. Eles só querem receber. E saber coisas. E oferecem o que tem. Trago na lembrança, uma imagem sublime de pureza e desprendimento. Numa das viagens ao seringal, reconstruí na volta, a memória dos fatos. Foi assim que aconteceu:

*Uma noite mal dormida, no colchonete que me aliviava às costas desde o barco. O sol brilhava ainda frio quando o primeiro de nós acordou. Balançou o punho das redes dos outros companheiros anunciando o raiar do dia e com ele a partida. Tínhamos pressa na reta final da viagem. O próximo compromisso estava marcado para as 11 horas da manhã e precisávamos navegar pelo menos cinco horas, até à comunidade dos Três Unidos. Pulei da cama e já encontrei um colega com um mamão na mão, nossa primeira refeição. Esfreguei os olhos preguiçosa, tomando coragem para mais um dia longo de contatos e descobertas.*

*O Rio Azul em setembro ganha a consistência do barro que lhe margeia. As canoas, pequenas, dançavam no porto. Tomadas de folhas e de marcas de chinelos, foram lavadas enquanto Vicente, um negro corajoso e disposto, descia o barranco arrumando a bagagem entre os bancos. O ritual era sempre o mesmo. Abastecer os motores com óleo diesel, alojar as malas em sacos plásticos em meio ao trabalho de higiene pessoal, feito ali mesmo à beira d'água.*

*Desci o barranco ainda sonolenta, enquanto o sol assumia a sua feição de astro rei, distribuindo, agora, todo o calor e luminosidade das entranhas da floresta. Era mais uma das sensações novas que experimentava desde que decidira ampliar minha visão de mundo, conhecendo e vivenciando a realidade dos seringais. As pessoas das casas vizinhas iam se achegando para assistir à partida, acenando carinhosamente, apertando nossas mãos com uma energia que expressava o quanto apreciaram nossa presença.*

*O barulho do motor de uma canoa é ensurdecido no primeiro momento. A comunicação entre os passageiros se restringe a sinais, até que paulatinamente o ouvido se acostuma à intermitência do zunido, e nos permite voltar a falar. Os temas, normalmente, os contatos da noite anterior. Avaliações pouco sistemáticas, impressões, memórias de fatos que retornam como atestado da validade da visita.*

*O barco zarpou antes das sete horas. De vez em quando, à beira do rio, uma ou outra surpresa. Uma comunidade que se aglutinava para dar um adeus, sempre tímido. Mocinhas e crianças à beira d'água, em tarefas domésticas, como lavar roupa e louças, levantando a cabeça, levemente, e nesse gesto um sorriso. Viajávamos sempre atentos para não desperdiçar nenhuma oportunidade de identificação com os moradores dali. Quando o sol já ia alto e a fome começava a incomodar, uma parada a mais. Um casebre de madeira bruta, coberto de palhas. Um quarto apenas. À sala a mobiliária, precária, compunha-se de um baú, uma mesinha, um rádio preso por uma envira<sup>2</sup>, à parede e um varal que cortava à sala, no qual estava pendurado o guarda roupa da*

*família. Um puxadinho de paxiúba, cercado por ripas na horizontal servia de cozinha, e a identificação da mesma se dava fácil pelo fogão de lenha, que fumaçava efusivamente, logo de manhã. Francisco ia sempre à frente, batia palmas e iniciava a conversa.*

*- Ô de casa.*

*- Bom dia – por resposta.*

*- Como vai a turma por aqui?*

*- Assim, assim – respondeu o dono da casa, um caboclo miúdo, vestindo um short adidas vermelho, cintura nua, cigarro de palha no dedo, curioso, mas receptivo.*

*- Quisemos parar ontem na subida, mas já passamos aqui à boca da noite. Essa aqui é uma professora da universidade, que fez questão de cumprimentar vocês.*

*- Pode entrar professora. Não olhe a casa.*

*Subi como pude à escada de madeira, alguns degraus a menos. Levava na mão uma panela de pressão com carne temperada, com a intenção de aquecer o rancho para a continuação da viagem. O resto do pessoal da casa não havia ouvido à apresentação que Francisco fizera e, portanto, ficou muito mais à vontade com minha presença. Logo*

*puxaram o assunto que ouviram no programa das mensagens da noite anterior. Um tal chamado para que os alunos de um programa de alfabetização de adultos se apresentassem na cidade para receber material escolar. Uma óbvia estratégia política de forçar esses alunos a votar no candidato representante de uma força política da situação. Entreolhamos-nos, já ressabiados com outras surpresas da viagem. Me dirigi à cozinha com a panela na mão. Aticei o fogo colocando lenha, abanando-o com a tampa de uma panela. Do lado da minha panela, uma caçarola fritava uma carne avermelhada, que já começava a tostar. Sobre um girau, uma panela de mandioca cozida complementar a quebra-jejum. Curiosa, perguntei de que bicho era a carne que fritava. Uma senhora morena, de cabelos soltos, vestido de chita, com uma criança escanchada à cintura, apontou para uma parede. Ali estava pendurado um bicho despelado, dentes arreganhados, pelos quais escorria uma salmoura fresca, que pingava em uma bacia, esta também ocupada com os miúdos do bicho: fígado, rins, intestinos. Moscas esverdeadas farejavam as vísceras do animal.*

*- É gato maracajá – disse a senhora. Foi morto na armadilha. A senhora pode se servir, se quiser, enquanto sua carne fica pronta. Agradei.*

*- Qual é a sua graça? – perguntou em seguida.*

*Me apresentei. A mulher baixou a vista, deu meio volta, dirigiu-se à sala, cochichou no ouvido do marido qualquer coisa que não pude compreender. Os outros vieram até o corredor do qual me avistavam em plena atividade culinária, mexendo a carne que fritava e abanando o fogo para apressar a partida. Uma pequena multidão se concentrou ali. Sem entender direito o que estava acontecendo, ofereci do que tinha.*

*- Estão servidos?*

*- Não senhora*

*E olhavam mais. Depois de uns minutos, a dona da casa ganhou coragem e perguntou:*

*- A senhora é mesmo professora da universidade?*

*- Sim, sou.*

*- É porque nós nunca vimos professora assim, fazer isso. Abanando fogo, mexendo panela.*

*Entendemos a surpresa e o gelo se quebrou. Aprontada a comida, antecipamos as despedidas, prometendo que quando eles fossem à cidade, também comeriam na minha casa. Eles se olhavam surpresos, duvidando de que houvesse alguma verdade em minhas palavras. Tomamos o barco novamente. Saí inteiramente tomada por um sentimento de invasão da privacidade daquela família, que na certa continuaria se perguntando a respeito da nossa conduta, admirados com nosso procedimento. Não achei que devesse incomodá-los tanto, quebrando a lógica das coisas, pra eles tão cristalizada e simples.*

No leque de crenças e significações, a relação com o sagrado tem lugar privilegiado. Não pude deixar de observar o lugar das imagens de santos na disposição das imagens nas paredes das salas. Na parte superior, os santos. Na parte inferior, imagens das coisas mundanas. Busca de amparo espiritual? Subjugação a valores dominantes? Resultado do processo catequético desenvolvido pela igreja, em constantes desobrigas, colocação acima, colocação abaixo, por longos anos e até os dias de hoje? No leque de possibilidades interpretativas, o processo histórico de ocupação dos seringais precisa ser levado em conta. A economia extrativista dos seringais amazônicos é semelhante à de outros sistemas de trabalho em que extratores detêm autonomia para explorar recursos naturais e se vinculam a pontos de comércio com os quais se mantêm em dívida crônica.

*Cada seringueiro explorava pelo menos uma parêntese de estradas de seringa<sup>3</sup>, que partiam da clareira residencial e retornavam a ela. Dois ou três seringueiros podiam ocupar o conjunto de estradas que, partindo da clareira, cobriam como pétalas o território de uma*

colocação, limitado pelas *estradas* de outras colocações. O posto de comércio, o *barracão*, adiantava mercadorias a esses trabalhadores isolados na mata, para serem pagas no fim da estação de trabalho, o *fabrico*, com a borracha. Isso significa que seringueiros estavam em débito quase constante com os barracões. Nessa condição, assumir a postura de obediência aos valores sociais e culturais dos patrões e das “autoridades” era postura mais acertada. Dessa forma, o calendário de eventos religioso foi se instaurando, e os vultos religiosos ganhando lugar de destaque.



Foto 4: Na disposição do material ilustrado, as imagens sagradas tem lugar de destaque: ocupam a parte superior das paredes. Setembro/2004.

Esse quadro de idéias ainda imprecisas, nos mobilizam para tentar entender a lógica do processo de aquisição das habilidades de leitura/escrita entre os ribeirinhos, suscitando uma interrogação bastante instigante: de que maneira retratos, imagens, letras e números colados nas paredes dos ribeirinhos contribuem para o seu processo de alfabetização?

## **2. A busca da compreensão do fenômeno: a teoria das representações sociais como suporte teórico-metodológico.**

O estudo sobre as representações sociais vem sendo apontado pela literatura como importante e útil para a educação, porque o conhecimento dessas representações é uma referência importante para a formulação de políticas e práticas pedagógicas escolares, na medida em que essas representações, segundo Jodelet (1993) permitem compreender como o funcionamento do sistema cognitivo interfere na conduta social e como fatores sociais interferem na elaboração cognitiva. Mais especificamente, Alves-Mazzotti (1994) argumenta que, para que a pesquisa educacional possa ter maior impacto sobre a prática educativa, ela precisa se voltar para a compreensão dos processos simbólicos que ocorrem na interação educativa.

Esse conhecimento, gerado socialmente no contexto das interações sociais cotidianas, tem por função a orientação de condutas e comunicações sociais relativas ao objeto, contribuindo para a formação de “universos consensuais” no âmbito dos grupos e

servindo às suas necessidades, valores e interesses. Diz-se que esse conhecimento é gerado socialmente porque, embora o sujeito desempenhe um papel ativo em sua construção, ele toma por base crenças, modelos de pensamento, valores e elementos simbólicos que circulam, através da conversação no campo social em que está inserido. O fato deste conhecimento ser partilhado concorre para forjar e consolidar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento. Nessa perspectiva, a representação social é definida, de um lado por um conteúdo (informações, imagens, opiniões, atitudes) relacionado a um objeto; mas, por outro lado, ela é a representação de um sujeito (indivíduo, grupo, classe) em relação com outros sujeitos, sendo, portanto, influenciada pela posição sócio-econômica e cultural que ele ocupa na sociedade.

Assim compreendidas, as representações sociais, que se encontram vinculadas às práticas e às posições dos indivíduos, podem contribuir para se entender a forma como são percebidos os materiais gráficos utilizados pelos ribeirinhos para forrar as paredes de suas casas. Partimos do princípio de que, uma vez expostos como painel constante, esses materiais exercem algum sentido para além daquele de proteção das intempéries da natureza ou simples ornamentos.

Essa intuição, a princípio, se confronta com as premissas das teorias pedagógicas, que presumem ser necessário, para um processo de ensino-aprendizagem consistente, um planejamento sistematizado, com objetivos claros tanto para o professor quanto para os alunos, pois ambos precisam caminhar numa mesma direção, cada um com suas respectivas responsabilidades. As estratégias de escolha dos materiais gráficos das paredes, segundo observei, não obedecem nenhum critério pedagógico, mas se dão de forma aleatória, tendo como único princípio norteador o valor das imagens, o destaque das palavras e números, a apreciação de certas personalidades ou estilos, ou simplesmente a aleatoriedade dentro das possibilidades do material que lhes chega as mãos. As escolhas claro, não têm porque se filiar a este ou aquele interesse pedagógico, mas apesar disto, acabam funcionando como elemento desencadeador de leituras e idéias sobre o mundo letrado. Por outro lado, o princípio da ordenação das páginas, nunca sobrepostas umas às outras, sugere, para além de um senso estético, a suspeita de que os códigos ali contidos só se revelam na observância de uma precisa seqüência de sentidos.

Para as teorias pedagógicas o processo ensino-aprendizagem pressupõe certas atitudes indispensáveis aos professores. Assim, estes precisam planejar atividades adequadas às necessidades de aprendizagem de seus alunos, levando em conta seus conhecimentos prévios; seleção de material que atenda as necessidades dos alunos; saber a hora de intervir para que o aluno avance em suas hipóteses e chegue a um conhecimento mais consistente, onde ele encontre gosto por aquilo que está estudando e seja capaz de interpretar sobre o seu ponto de vista, sem deixar de considerar o conhecimento científico. Para isso, é imprescindível que se trabalhe com textos de uso real nos quais a capacidade de criação dos alunos não seja idiotizada.

Neste contexto de discussões/reflexões, algumas indagações no campo educacional talvez se façam pertinentes: pode-se dizer que os painéis que forram as paredes das casas dos ribeirinhos transformam estas num *ambiente alfabetizador*? Como a escola dos altos rios lida com esta realidade? Este ambiente familiar é suficiente para desenvolver nos filhos o gosto pela leitura e escrita? Em que medida as imagens e retratos de eventos e personalidades se constitui *apenas* em demonstração de sintonia com o mundo urbano? Quais as diferenças fundamentais do *ambiente alfabetizador* das escolas locais com as casas dos ribeirinhos? Serão estas uma extensão deste *ambiente alfabetizador*, ou teriam outras funções, como a defesa das intempéries naturais ou até uma simples forma de ornamentação?

Em nossas visitas pudemos observar que, a despeito de falta de uma tradição de leitura, no interior da floresta, especialmente às margens dos grandes rios acreanos, as

informações circulam, não só pelas ondas dos rádios, mas também nas canôas, voadeiras, nos festejos, nos encontros da boca-da-noite. Nessas oportunidades, algumas *histórias* são sempre re-tomadas, re-feitas, re-contadas e como que numa rede de pescar, vão arrebanhando ouvintes, que as reconstroem ao passarem aos outros os relatos ouvidos e registrados justamente com o objetivo de passar à frente. A simplicidade da vida nos seringais, marcada, ao nosso ver, pelo compadrio, pela camaradagem, pela lógica do *aqui*, faz as histórias circularem, se entrelaçarem, num grande novêlo de sentidos.

Curiosamente, no *catálogo* das narrativas, um fio condutor parece sustentar um quadro comum de referência: percebemos um certo *teor* comum, que perpassa grande parte dos relatos dos ribeirinhos e seringueiros. Os sentidos de *preservação*, de *ecologia*, de *punição* e *castigo* a quem desrespeita a “lógica da floresta” parece ser presente em várias das narrativas que compõem o novêlo dos relatos dos seringais. Lembremos como exemplo a *história* do *Caboclinho da Mata*, da *Mãe d’água*, da *Mãe da Mata*, e os inúmeros “causos” que compõem o repertório do homem da floresta. Muitos deles são eivados de um sentido político peculiar, porque natural, espontâneo, mas nem por isso insignificante. Ou seja: na medida em que as personagens *desviantes* são, nos relatos, punidas, cobradas, perseguidas por forças sobrenaturais que lhes cobram coerência com a dinâmica da floresta, pode-se presumir que este efeito punitivo cumpra a função de estabelecimento de uma lógica cultural própria, ribeirinha, seringueira, autônoma. Os sentidos dessa lógica precisam ser conhecidos, com seus exemplos mais expressivos.



Foto 5: cômodo íntimo. Mas mesmo aí, mistura-se material ilustrado com artefatos da vida cotidiana.



Foto 6: Cômodo íntimo. Mas mesmo aí, reúne-se material ilustrado, com artefatos da vida cotidiana.

Dessa maneira, para os ribeirinhos, o mundo da leitura parece mais presente que o mundo da escrita, de uma maneira que até se confunde com a dimensão das coisas práticas. Entre letras, imagens e números misturam-se a roupa da família, aos utensílios de navegação (como óleos lubrificantes), cestos de ovos, rádio de pilha e demais componentes da vida cotidiana. A escrita, por sua vez é requerida apenas em situações especiais, como a escrita de um bilhete, carta ou, no máximo, às anotações dos negócios realizados com vendedores *regatões*.

Segundo Pizani (1998, p. 23) a escrita tem funções sócio-culturais inegavelmente importantes para a vida do ser humano, seja para “cumprir funções de comunicação [...], de registro daquilo que se deseja lembrar, seja de organização de informações, de reflexões sobre as próprias idéias e vivências”. Estas funções têm, muitas vezes, se distanciado da escola, quando a mesma tenta trabalhar o processo inicial da escrita nos primeiros anos de escolaridade, transformando esta atividade num treino manual e desenhos de letras cujo sentido e significado passa ao largo de um sentido real.

Segundo Ferreiro e Teberosky (1986), há dois aspectos importantes a serem considerados no processo inicial de alfabetização: competência lingüística da criança e suas capacidades cognitivas. Levando-se em conta esses dois aspectos, respeitando nosso aluno enquanto sujeito capaz de aprender e carregado de funções cognitivas que precisam ser desenvolvidas pela escola, é possível pensar a alfabetização como uma necessidade básica para o processo de aprendizagem dos alunos e um passaporte para o ingresso no sistema escolar posterior. Portanto, é preciso considerar o indivíduo enquanto portador de conhecimentos, não necessariamente categorizado pelo saber escolar, mas construído pelo homem na sua relação com os outros homens, verificando, assim, seus conhecimentos prévios sobre a leitura/escrita. Sabemos que os arranjos e os escritos colados nas paredes das casas dos ribeirinhos são compostos de informações só desvendáveis pelo ensino da leitura. Esta, em tese, seria responsabilidade da escola, que capacitaria os ribeirinhos para ter acesso a essa mensagem. No entanto, já estão construídos sentidos e significados, representações sociais, da escrita e do mundo escrito que não estão

sendo levados em conta pelo processo de escolarização. O inverso do que se supõe a partir das teorias pedagógicas é que se dá para estes homens, mulheres e crianças: os ribeirinhos são provocados para a leitura primeiro em suas casas, através de um aparato sobre o qual as escolas locais não têm controle, não tomando sequer conhecimento, nem sabendo o que fazer com esses conhecimentos prévios. Deve-se notar que o ambiente escolar nos seringais em tudo se confunde com o ambiente caseiro, uma vez que, hoje, por força de lei, os professores são recrutados em concursos públicos nos municípios e que, quando chegam aos seringais, são hospedados nas casas dos seringueiros, às vezes por anos a fio, fazendo das casas em que moram, a própria extensão das atividades de ensino.

### 3. A estruturação da busca: procedimentos metodológicos

A pesquisa que nós estamos realizando utilizará uma abordagem qualitativa, que tem como principal característica, segundo Alves (1991:54), a tradição hermenêutica, ou seja, o pressuposto de que *as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.*

Além da tradição hermenêutica, partimos do pressuposto também de que, para os *qualitativos*, a realidade é uma construção social da qual o investigador participa e, portanto, os fenômenos só podem ser compreendidos dentro de uma perspectiva holística, que leve em consideração os componentes de uma dada situação em suas interações e influências recíprocas, o que exclui a possibilidade de se identificar relações lineares de causa e efeito e de se fazer generalizações de tipo estatístico. Por isso optamos pelo suporte de análise que nos é dado pela Teoria das Representações Sociais.

Além das impressões iniciais acima apresentadas, resultado de algumas visitas *in loco* nas comunidades ribeirinhas, pretendemos aprofundar o conhecimento do campo de estudo por meio dos seguintes instrumentos:

- a) *Entrevistas*: a entrevista semi-estruturada nos dará oportunidade de captar as representações sociais dos ribeirinhos acerca dos materiais gráficos colados nas paredes de suas casas. Com isso pretendemos apontar os sentidos que os ribeirinhos dão a esse hábito, com vistas a enxergar a contribuição deste material no processo de alfabetização. Segundo Lüdke e André (1986) esse instrumento permite uma interatividade com o grupo dos entrevistados.
- b) *Análise documental*: através deste instrumento avaliaremos o material preferencialmente escolhido como adorno das casas dos ribeirinhos, identificando os materiais mais comumente utilizados. Para tanto, o recurso das fotografias das paredes pode ser bastante útil para a análise dos dados.
- c) *Observação*: Por meio deste instrumento, poderemos, segundo Ludke e André (1986, p. 26), “chegar mais perto da ‘perspectiva dos sujeitos’. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.” Dessa maneira, a observação nos será útil enquanto possibilitadora de um contato mais prolongado com o grupo pesquisado, buscando-se captar os sentidos do hábito da colagem de materiais gráficos nas paredes e a contribuição desse material no processo de aquisição das habilidades de leitura e escrita.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. “Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1985.
- ALVES, Alda Judith. “O planejamento de Pesquisas em Educação”. **Cadernos de pesquisa**. S. Paulo (77;53-61), maio/1991.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 9.ed., S. Paulo: Scipione, 1996.
- CARVALHO, Marlene. **Guia prática do alfabetizador**. 4.ed. S. Paulo: Ática, 1999.
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção (org). **Narrativas de Professoras: pesquisando Leitura e Escrita numa perspectiva sócio-histórica**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.
- AFONSO, Henrique. **O Alto Juruá acreano: História, Povo e Natureza**, Câmara dos Deputados: Brasília, 2005.
- JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: Serge Moscovici (org). **Psicología Social**. Vol. II. Barcelona: Paidós, 1993.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. S. Paulo: EPU, 1986.
- ALVES-MAZZOTI, Alda. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em aberto**. Número 61. 1994.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- VIGOTSKY, L. S. **A formação social da Mente**. S. Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PIZANI, Alicia et alli. **Compreensão da leitura e expressão escrita: experiência pedagógica**. 7.ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1998.

<sup>1</sup> Palmeira da Amazônia. Quando aberta pelos lavradores/ribeirinhos, funciona como tábua de textura irregular, ligada por fibras. Bastante utilizada pelos ribeirinhos, principalmente nos lugares onde não existem condições de beneficiamento de madeira.

<sup>2</sup> Envira. Espécie de corda feita de tucum – palmeira da Amazônia.

<sup>3</sup> Estrada de seringa. Trilha na qual estão dispostas de maneira desordenada às seringueiras. Caminho percorrido pelo seringueiro na sua labuta diária para extração do látex.